



SENHORAS E SENHORES COM A PALAVRA O POETA NARLAN MATOS

Jocimar Bertelli*

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)
e-mail: jocimarbertelli@gmail.com

Senhoras e Senhores leitores, apresento-lhes o poeta e professor de Literatura Brasileira do *Montgomery College* em Washington, D.C (USA) Dr. Narlan Matos que defendeu a Tese de Doutorado *Inventário do Caos: Rogério Duarte, Tropicália e Pós-Modernidade (Dissertation Brazilian Literary and Cultural Studies)*, na *University of Illinois at Urbana-Champaign*, nos Estados Unidos da América (USA) e escreveu as seguintes obras: *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (1997); *No acampamento das sombras* (2001); *Elegia ao novo mundo e outros poemas* (2012); *Um alaúde, A Península e teus olhos negros* (2017); *Canto aos homens de boa vontade* (2018); e *Eu e tu, caminheiros dessa vida* (2019). A realização da entrevista com o poeta, ora divulgada, pode ser vista como uma oportunidade para que os leitores, apreciadores do trabalho de Matos tenham, também, a oportunidade de ouvir a voz do autor, e realizar conexões, se possível, sobre como as categorias Lírica, Alteridade e Memória se encontram nos poemas de Matos, de forma a promover o ofício de um pesquisador, professor e escritor brasileiro, ainda em processo de ascensão no cenário nacional contemporâneo.

Entrevista Com O Poeta Narlan Matos

Pesquisadora: Poderias traçar um autorretrato? Quem é o poeta Narlan Matos?

Poeta: Essas fotos que vejo (Foto PB de um casal - dia do casamento) vão responder a essa pergunta melhor do que eu... esse é Manoel da Hora Rezende de Figueiredo, ele era da



Marinha Mercante Brasileira, primo da minha Bisavó, um ancestral misterioso que eu tenho, do qual eu só sei o nome e que viajava muito pelo mundo afora, ele morreu misteriosamente, numa dessa viagens no navio da Marinha Mercante. Ao seu lado (foto) a esposa dele, ela é a neta do Barão da Gávea de Portugal, inclusive o casamento foi lá em Portugal, e dela eu não sei nem o nome. Então, de poema em poema, eu vou tentando me descobrir, até a edição final... (risos melancólicos) Quem eu sou? – Não faço a mínima ideia! Quando eu souber, provavelmente vou morrer...

Pesquisadora: Como e por que surgiu a vontade de escrever?

Poeta: Essa é uma pergunta profunda, e eu poderia falar muito sobre isso... e vou falar sobre isso... e eu tenho que começar pelo personagem mais fantástico da minha vida o “seu Arlindo”. Ele era um zíngaro, um *gitano-romani*, eu só descobri isso recentemente por sinal. Ele já faleceu, e é o personagem mais fantástico da minha vida. Eu acho que foi ele que me iniciou na Literatura. Ele era um borracheiro, e tinha uma tenda – uma borracharia – lá na cidade, era a única que tinha e ficava na frente da minha casa, e todas as tardes, depois que ele terminava o trabalho, ele vinha dormir numa algarobeira, que tinha em frente, ou melhor, na esquina direita da minha casa, e era uma algarobeira gigantesca que tinha, nossaaa....era linda, frondosa, verde. Algaroba é uma árvore africana muito bem adaptada ao nordeste brasileiro, você vai encontrar ela também nas savanas africanas, ela é enorme, uma árvore linda, com um perfume maravilhoso, e nossaaa... é emocionante lembrar... Então, ele se sentava e depois deitava pra dormir alí, e quando ele acordava eu já estava por perto para ouvir as suas histórias... Esse homem era fantástico, tão fantástico quanto as histórias dele. Ele era como Homero, ele não era cego, mas tinha um olho dentro da realidade e outro vesgo, como se tivesse virado pra dentro da ficção, do maravilhoso, do real maravilhoso, de *Aleixo Carpentier* e seus amigos. Quando li *Carpentier* eu me senti personagem. E ele me contava as histórias dele, ele tinha uma imaginação fantástica... ele era semi-iletrado, ele tinha tradição vernacular, e todas as tardes ele estava lá, como uma coisa... (nossa...) imagina uma criança e um velho zíngaro, provavelmente com origens no distante Egito, com as tribos que passeavam lá, que andavam lá pela minha região, e ele trazia essa memória imemorial, que não se pode medir o tamanho de tão grande. Ele era onipresente, ou onisciente e onipotente, era sempre o herói das narrativas, dele, das narrativas fantásticas... Muitas histórias, por exemplo, tem a história do gigante, e ele



acreditava naquilo... não era essa coisa tradicional do “causo”... era algo muito maior, como Homero. E ele contava que... uma vez apareceu um gigante na fazenda dele, uma gleba que ele tinha, uma gleba pequena, agricultura de sobrevivência, e apareceu um gigante lá, então um dia, ele estava lá na gleba de terra dele, e sem perceber ele caiu numa cratera imensa e ficou preso lá, e depois apareceram umas pessoas para ajudar. Essa gleba ficava no meio da serra, numa serra bem alta que tem lá... e quando ele conseguiu sair daquilo, ele foi vê que na verdade aquilo era a pegada de um gigante. Então ele começou a se preparar, ele armou uma tocaia para pegar o gigante, e ele conseguiu amarrar umas cordas pro gigante, na hora que passasse, tropeçasse e, é exatamente isso que vai acontecer, o gigante vai e cai na terra dele. Ele desenvolvia assim a narrativa, não me lembro de tudo não, mas você já deve estar pensando ai em... *Gulliver!* Lá com *Lilliput!* Exatamente, só que o “Seu Arlindo” ele nem sabia que aquilo existia, ele nunca leu, nunca ouviu nem ouviu falar de *Jonathan Swift*...ou de *Gulliver!* Era fruto da imaginação dele, tanto que mais tarde quando eu cheguei na universidade, e a gente teve que ler *Gulliver*, ah! Eu falei: Ah!Ah! Eu conheço o autor dessa história aqui... Ele é o meu amigo! E assim foi, ele, “Seu Arlindo”, tinha uma presença mágica na minha vida e acredito que ele foi chamando a minha atenção para vida, para esse mundo real. Ele contava história de castelos que ele tinha visitado, onde o rei tinha recebido ele como herói, era uma coisa incrível, viu?! Mais tarde, quando eu li a *Odisseia* e a *Ilíada*... Eu falei de novo: Ah!Ah! Aqui eu conheço também esses seres aqui, nossa... eu cresci com esses seres fantásticos. Era essa amizade entre um menino e um velho... Parece até um roteiro da Itália medieval...

Bom, daí entra também o meu bisavô paterno, que é o Balduino José Teixeira, ele é um bisavô misterioso que eu tenho, não se sabe muita coisa sobre ele. Ele tinha um passado bem misterioso, muito misterioso, mas apesar dele ter sido negro, nascido ali no final do século XIX, ele nasceu na cidade de Lençóis, na Bahia, nas Lavras Diamantinas, na região dos diamantes, dos coronéis violentos, as guerras, muitas guerras que teve por lá por causa de diamante e tudo mais, ele veio de lá, e bom... o que se sabe é que ele falava francês muito bem, e isso eu comprovei, porque eu conheci um homem em Salvador com 102, 103 anos, que foi contemporâneo dele, e me confirmou que de fato ele falava francês muito bem. Ele era negro. Ele era funcionário dos Correios, um Funcionário Federal, e ele era filatelista, ele colecionava selos de várias partes do mundo, o sonho dele era conseguir



o selo “olho de boi” que é um selo raro né, depois que ele morreu, a coleção dele de selos desapareceu, provavelmente as pessoas jogaram fora, as pessoas não sabiam o valor daquilo... Ele também era alfaiate, tinha uma alfaiataria, quase um renascentista, e nas horas vagas ele também escrevia discursos, para coronéis, semianalfabetos, de lá do sertão da Bahia. Esse homem também me contou isso, que várias vezes, ele já tinha visto meu bisavô, ali na feira livre, escrevendo um discurso para um coronel daquele... para ser lido durante um comício. Então, o Brasil hoje, esta questão do empoderamento do negro, etc, isso já acontecia com meu bisavô desde o começo do século XX. Ele foi convidado pra trabalhar e morar na França, mas não pode aceitar... A vida não deixou.

(Coloquei uma trilha sonora pra nós, aqui pra entrevista: As Bachianas Brasileiras No. 5 Heitor Villa-Lobos)

Ainda respondendo à pergunta número dois, tem um outro personagem fantástico, ali na minha rua, além do “Seu Arlindo Borracheiro”, ali na Rua da Matriz, s/n, onde eu cresci, a rua da minha infância, tinha o “Seu Marco”. Outro personagem mitológico. Seu Marco era um velho muito forte, alto, altíssimo, muito forte, com uma força física incrível, um rosto velho já carcomido pelo sol, muito sol no rosto, ele era muito grande, devia dar quase um 1,90 de altura ou mais do que isso, todas as tardes ele passava com as cabras dele, vindo dos campos, lá do Sertão. Ele vinha cheio de cabras. Agora tem um detalhe... ele tomava conta das cabras vestido com terno, terno marrom, parecia que trabalhava na Bolsa de Nova Iorque, inclusive, nesse livro novo, o *Eu e tu...* tem um poema¹ sobre ele. Aquilo é verídico. Ele é um personagem da minha vida, ele também tinha uma roça de melancias, uma fazenda de melancias pequena, uma gleba, que eu vivia lá (né), e ele passava todas as tardes... com as cabras dele... E tem uma coisa incrível...que também remete à literatura universal, que é... Ele tinha um filho adotivo, que ele trazia no bolso do paletó, ele era tão grande, que trazia o menininho, assim de sei lá, seis meses ou um pouco mais, no bolso do paletó, é praticamente o Pequeno Polegar, né? (risos). Uma outra obra da literatura universal que eu já conhecia da minha rua... a cidade toda parava de tarde para vê-lo passar com o menininho no bolso do paletó! Era incrível... Mas então, eu acho que tenho

¹ Poema “Uma tarde na infância” para seu Marco (p.109) do livro *Eu e tu, caminheiros dessa vida* (Penalux, 2019).



mais dúvidas do que respostas...

Uma outra figura extraordinária da minha rua, era o Frei italiano Nazareno Marcelli. Ele veio do Norte da Itália. A minha região tinha muito italiano, a minha cidade também, os capuchinhos franciscanos eram todos italianos lá. Eu fui batizado por um padre italiano: Frei Sartrini, um grande homem, foi ele que me batizou. Os freis italianos ficavam muito na minha casa. Meus pais eram católicos. Eles viviam lá em casa. A Itália era parte de minha vida. Quando fui lançar minha antologia na Itália foi emocionante demais... Então, Frei Nazareno, morava do lado da minha casa, do lado direito, e quando ele chegou da Itália, ali por 1980 mais ou menos, ele trouxe aquela alta cultura italiana, embora os italianos já estivessem lá desde a Segunda Guerra Mundial. Eles chegaram em grandes levadas... Mas, o Frei Nazareno, ele trouxe aquela alta cultura, no alto falante da igreja, todos os dias ele tocava *Bach, Beethoven, Handel, Chopin, os Cantos Gregorianos*, aqueles Cantos Medievais da Itália, as vezes ele tocava aquilo em Itaquara e a cidade ficava parecendo um pequeno Reino Medieval Italiano, perdido ali naquele tempo e naquele espaço... Aquelas trilhas sonoras que ele colocava ali no alto-falante da Igreja, como a cidade ficava num vale, todo mundo ouvia aquilo né... Aquilo me assustava às vezes, àquelas músicas... e bom... do outro lado, tinha a minha vizinha da esquerda, era a “Dona Judite”, era uma negra, ela tinha um Candomblé de Caboclos, e nós frequentávamos tanto a Igreja quanto o Candomblé de Caboclos dela.

Uma outra grande influência da minha vida, da minha literatura, foram os ciganos. As tribos ciganas que passavam...lá pela minha cidade. Havia uma circulação muito grande de tribos ciganas, de várias regiões, que você tem os ciganos do Egito, você tem os ciganos Turcos, você tem os ciganos do Leste Europeu, e existe toda uma hierarquia dentro daquilo ali... Eu não sou especialista muito, não, mas eu entendo as diferenças e as vertentes que existiam... Então os ciganos passavam, aquelas caravanas pela cidade. Eu me lembro de uma, que me marcou muito, as mulheres trigueiras, com os cabelos muito bem trançados, com óleo de coco, aqueles vestidos, muito bem trabalhados, que eles eram ciganos muito ricos né... Aqueles vestidos, muito bem trabalhados, com tecidos vivos, e eu ficava muito impressionado com aquilo, com as montarias dos ciganos, prata nos arreios, tudo muito bonito, os baús que eles carregavam, e aquilo me transportava no tempo, pra algum lugar que eu não sabia onde...mas que pra mim era muito interessante... Você veja,



eu vivia numa cidade remota, naquela época não tinha nem telefone ainda, poucas famílias tinham televisão... Também você tinha ali os Cantadores, os Menestréis, que vinham pra cantar na feira, cantadores errantes da tradição medieval europeia, essa Tradição Ibérica... Eu tive a oportunidade de conhecer alguns desses cantadores na feira, fazendo aqueles desafios que voltam pra Grécia Antiga... olha, tido isso aí, de certa forma, me remeteu a Grécia Antiga, ela tá permeando isso ai tudo... Esses cantadores, um homem que contava histórias quase cego de um olho e analfabeto... Itaquara tinha um pé na Cultura Clássica de certa forma, direta ou indiretamente... Agora se vocês quiserem um Marco, pra quando eu me tornei escritor, eu vou dizer agora: foi em 1990, quando eu conheci a professora francesa. Eu fui estudar no Colégio Americano Taylor Egídio, que é a Escola Americana mais antiga do Brasil, que fica pertinho lá da minha casa, e numa cidade próxima, e a professora Stela Dubois, era uma francesa, ela se tornou minha professora de SOI - Serviço de Orientação Escolar. Eu me lembro, que na primeira aula que ela fez com a gente, numa sexta-feira, luminosa, radiante, lá na escola, ela fez uma redação... (ouve... a música aumentou sozinha, olha só as *Bachianas Brasileiras No. 5 de Lobos*...) Ela me pediu que eu fizesse uma redação, e eu fiz a redação, e, na sexta-feira seguinte, ela trouxe as redações corrigidas, e a minha ficou por último (eu achei aquilo estranho) e ela falou: - Olha a última redação foi a melhor de todas e, eu quero ler essa redação pra vocês... Leu a redação e falou: "Narlan Matos Teixeira, Quem É Você?" Eu levantei a mão e no final da aula eu fui lá pra conversar com ela, e ela escreveu e me disse: "VOCÊ É POETA! VOCÊ É UM POETA!". Eu tinha quase 15 anos de idade, na verdade 14 anos incompletos, ela repetiu: "Você é um Poeta!". Esta redação foi lida no salão nobre da escola, para uns 700 alunos... numa sexta-feira luminosa... ao final, ela pediu que eu me levantasse e disse aos alunos que eu era o autor da redação... uns 700 alunos me aplaudiram de pé! Ela disse que o Brasil ganhava mais um grande poeta... E o povo aplaudiu! Foi o primeiro e talvez o mais importante momento de minha vida... Ali, meu destino foi traçado, naquela manhã! Até hoje eu guardo esta redação e a pequena mensagem que ela escreveu pra mim... é uma rosa do quadrante norte... uma estrela da vida inteira... Tinha também o lendário professor Jalon Leal², meu professor de inglês, que me influenciou muito. Culto, letrado, com sua

² O professor foi incluído por Matos quando efetuou a revisão da entrevista e lembrou-se de mais alguns professores importantes da sua trajetória, e que foram incluídos (via e-mail). Disponível em: <http://webjl.blogspot.com/2008/06/jalon-leal-uma-historia-de-sucesso.html>. Acesso em 31 jan 2020.



belíssima voz de baixo, típica dos cantores de blues dos EUA... Eu o considero o maior cantor de blues e gospel do Brasil... Não conheço ninguém igual... Ele me apresentou à música de Bob Dylan. Dylan era o grande herói dele, e passou a ser o meu também. Dylan me influenciou muito logo aos 15 anos... Jalon tinha lido muita coisa da literatura universal, como Hemingway, e outros, e me falava destes autores... Um dia, numa aula de inglês, ele, comentando sobre meus poemas, que circulavam entre os alunos, disse para a classe que ali estava um grande autor, e que iria parar na Academia Brasileira de Letras. Eu tomei um susto... A turma toda me olhou em silêncio solene... Ele conversava muito comigo sobre literatura e música. Uma espécie de tutor. Às vezes, eu me sentia como estivesse numa escola na Inglaterra, daquelas que vemos em filmes – só que era real, e o personagem era eu! Também no Colégio Taylor aconteceu outro fato marcante na minha carreira de poeta: a professora Aristotelina, de língua portuguesa, colocou um texto meu numa prova de português... quando eu recebi a prova, tomei um susto! Não tinha me falado nada... Foi uma surpresa. Tinha que interpretar um texto meu! (risos). Foi outro grande marco na vida de escritor. Veja só como aquela escola foi importante na minha formação. Eles tinham uma pedagogia incrível, parecia escola da Suécia ou da Dinamarca. Eles me levavam muito à sério, aos 15 anos de idade... e veja só as consequências boas disso...

Pesquisadora: Qual a sua relação com a palavra, com a escrita e o “ofício do verso”, como diz Jorge Luis Borges?

Poeta: Isso me lembra um verso meu que diz: “Eu escrevo porque o fim do verbo é o fim do mundo” se eu não me engano é do poema “Civilizações Ágrafas”, por isso, “Eu escrevo porque o fim do verbo é o fim do mundo” (MATOS, 2012, p. 28) é por isso aí...

Pesquisadora: Como se sente, se insere dentro da atual literatura brasileira?

Poeta: Olha, eu me sinto olhando pra ela de fora do muro!

Pesquisadora: E qual sua opinião sobre a literatura brasileira contemporânea?

Poeta: As pequenas editoras do Brasil estão fazendo um trabalho importante, sério, de renovação da literatura brasileira, é a abertura de janelas de respiradouros pra que ela se renove. Eu creio que a melhor literatura brasileira hoje está sendo reproduzida nas



margens, do lado de fora do muro, e as editoras têm publicado bons jovens autores e isso vem operando esse processo da renovação disso... Então eu acho importante isso, essa renovação já não era sem tempo. Tem poetas que eu gosto: Salgado Maranhão, Antonio Donizeti da Cruz, Ruy Espinheira Filho, são poetas contemporâneos que eu gosto e outros também.

Pesquisadora: Como é seu processo criativo? Ele passa por uma fase de elaboração? E sobre o surgimento dos livros? Como ocorre?

Poeta: Olha, eu não escrevo por esporte... Eu tenho alguns colegas que têm a preocupação de escrever... Eu escrevo mais por necessidade... Eu escrevo quando tenho alguma coisa pra escrever mesmo... Eu não paro numa mesa com papel em branco com a caneta pra ficar esperando o texto aparecer, jamais fiz isso... eu só vou escrever quando o poema já está praticamente pronto na minha cabeça... Geralmente ele surge na cabeça, ele começa esse processo, aquela insistência, às vezes eu esqueço, aí um ano depois a ideia volta, de novo, a mesma coisa, aí eu sei que tenho que escrever, tá? Então geralmente, eu sento já pra escrever.... E primeiro, ele vem do jeito que vem, e ele fica ali, no papel, ele é impresso aí, depois de um tempo, pode ser uma semana, seis meses, 10 anos, 14 anos, eu volto pra isso de novo... Tem poemas que têm 20 anos que eles estão dormindo...nunca mais eu voltei a eles... um dia eu vou voltar, na hora que chegar o momento. Dai, 20 anos depois, pode ser uma semana também, depende de cada poema, eu tenho uma relação, eu convivo com eles, como se fossem pessoas... E eu volto pra aquilo, se me “convencerem” eu “publico”... se ele ainda estiver robusto, forte... eu publico! Senão alguns vão pro lixo, outros continuam lá (na gaveta), deixo lá, até se ver o que vai acontecer.

Pesquisadora: Até o momento, o senhor escreveu 6 livros de poesia³. Se multiplicaram em quantas antologias? Como surge a opção pela escolha que envolvem essas publicações?

Poeta: Olha, por incrível que pareça, depois de 24 anos de carreira, eu não tenho sequer uma antologia poética publicada no BRASIL... eu não tenho uma sequer... Agora no

³ *Senhoras e senhores: o amanhecer* - Fundação Casa de Jorge Amado (1997); *No Acampamento das Sombras* - Editora Cone Sul (2001); *Elegia ao Novo Mundo e outros poemas...* - Editora 7 Letras (2012); *Um Alaúde, a Península e Teus Olhos Negros* - Editorial Penalux (2017); *Canto aos Homens de Boa Vontade* - Editorial Penalux (2018); *Eu e Tu, Caminheiros Dessa Vida* - Editorial Penalux (2019).



Exterior, já tenho várias publicadas, umas 4 publicadas, são tantas que já perdi a conta, são umas 4 publicadas e outras 4 procurando uma editora para serem publicadas... tem várias outras traduções de livros, traduções integrais também que tô buscando editor, deve dar aí umas 10 ou 12, por aí, mais ou menos.

Pesquisadora: Como surge a opção pela escolha que envolve essas publicações?

Poeta: A publicação no exterior eu deixo, geralmente, que os editores façam as suas escolhas. Em geral, eu permito isso, a não ser aqui no Mundo Latino, aí eu escolho, mas no Exterior, em línguas como o romeno, por exemplo, e nos outros, eu converso muito com o editor. Sobre isso aí, sobre a seleção.

Pesquisadora: Atualmente os seus livros foram traduzidos para as línguas⁴. Quais os países que já esteve apresentando, divulgando sua obra poética e como ocorreram os convites? Como se dá o contato e o diálogo com os tradutores e as editoras?

Poeta: Olha, isso é uma coisa quase que magicamente é feita, misteriosamente... Os países onde já estive? Muitos! Nossa... muitos... muitos... Por exemplo, vou te dar só um exemplo. Recentemente, há um ano atrás mais ou menos..., bom eu gosto de estudar sobre o cangaço, eu sou bem interessado no cangaço... então eu comecei uma sequência de postagens sobre o cangaço no *Facebook*, e o que que aconteceu... quando comecei essa sequência, começou a aparecer uma mulher...com o nome eslavo... Eu conheço bem os nomes eslavos porque eu já estou no mundo eslavo há mais de 20 anos, e eu vi o nome... aí ela começou a fazer comentários e perguntas e eu comecei a achar aquilo bem intrigante, porque eu falei: - Nossa essa mulher, com esse nome eslavo, interessada em cangaço? Que coisa é essa? E ela escrevendo em português, nossa, aí eu pensei deve ser do Paraná ou do Rio Grande do Sul, alguém que gosta dessa coisa... até que depois de um tempo, ela começou a me fazer perguntas, nós começamos a conversar, e pra encurtar a conversa, ela era a tradutora de Jorge Amado na Rússia...olha só... ela tinha entrado na minha página do *Facebook*, por alguma razão que eu não sei o que foi, e nós começamos a conversar, e ela

⁴ inglês, esloveno, croata, chinês, vietnamês, lituano, sueco, japonês, inglês, espanhol, italiano e hindu; sendo que essas traduções resultaram nas seguintes edições: *La Provincia Oscura* (Itália) Edizioni Fili d'Aquilone (2016) traduzida por Giorgio Mobili; *Antología poética bilingüe* (Espanha) Editorial Maolí (2017) traduzida por José Ángel García Caballero e ilustrada por Juan Carlos Mestre; *Pesem o Vetru in Mojem Zivljenju* (Romênia) traduzida por Mojca Medvedšek, Blažka Müller Pograjc (2015); *Duet of Dots* (USA) Narlan Matos & Maki Starfield (2015).



descobriu que eu era um dos escritores da *Fundação Casa de Jorge Amado*, em Salvador, se interessou ainda mais, me pediu alguns poemas, eu mandei, ela adorou, pediu mais, eu mandei, ai ela falou: - Ah! Um poeta como você tem que ser conhecido na Rússia! Pronto! Entendeu? Como é que se explica uma coisa como essa? Uma coisa que começou com uma conversa sobre cangaceiros... e foi parar na Rússia?! É, a minha carreira foi toda assim, eu teria muitas histórias desse tipo pra ti contar, só te dei uma, mas todas as outras, vão girar em torno desse mesmo eixo, tá? Uma coisa quase surreal, quase mágica, que acontece comigo, desde quando eu comecei a minha carreira, menino ainda, com 19 anos de idade, essas coisas já aconteciam desde o começo, coisas mágicas... Eu não tenho como explicar isso... Claro, a qualidade do texto é *sine qua non* e opera milagres...

Pesquisadora: O senhor vive nos Estados Unidos da América desde 2004? Essa foi uma escolha movida pela paixão?

Poeta: Olha, os EUA sempre fizeram parte da minha vida, desde que eu morava em Itaquara (BA) a minha cidade, por quê? Porque desde o início do Século 20, ali por volta de 1920 e alguma coisa, já havia uma escola americana lá, a primeira Escola Batista Americana do Brasil, que ainda está lá, que é o Colégio Taylor Egídio, ele ficava numa cidade há 10 km da minha, então, a gente vivia por lá... E já existia uma Colônia Americana por lá, em Jaguaquara, com Missionários do Texas, desde os anos 20, e por causa disso, vai haver uma movimentação muito grande na minha região, não só isso, a minha região lá na Bahia, é uma região que desde o Século XIX, já tinha imigrantes circulando por lá. Veja, já tinha italianos, depois que inauguraram a *Tram Road de Nazareth* que era a estrada de ferro né, que foi construída por uma companhia inglesa, desde que inauguraram a estrada de ferro que essa movimentação de imigrantes, nessa região, se multiplicou muito. Lá na minha cidade o trem chegou em 1913, e isso dinamizou porque a partir daí você podia ir pra Salvador, e tudo e facilitou a penetração naquela região e os imigrantes começaram a chegar. Então, a partir dos anos 20, isso se intensificou com a chegada da colonização americana. Com a chegada dos americanos, outros imigrantes foram sendo atraídos e isso só se intensificou. A minha cidade, especificamente, começou a ter esse fluxo grande de imigrantes... os americanos chegaram, com eles isso se intensificou, né, o colégio estabelece um nome, ali a partir dos anos 20 começa a se intensificar isso, e em 1932, mais ou menos, vai chegar o casal *Carlos de Dubois e Stela*



Câmara de Dubois, ele era francês, nascido no Paraná, o pai tinha sido engenheiro de estrada de ferro na França, e ele se apaixonou pela região e resolveu ficar por lá. Com a chegada dos dois, o colégio começa a ter um crescimento ascendente. O Colégio Taylor Egídio, nos anos 40, 50 e 60, muitas vezes foi considerado a melhor escola do Brasil, é uma escola que ganhou muitos prêmios internacionais, recebia visitas do cônsul e da consulesa da Inglaterra, da França, dos EUA, muitas visitas ilustres, então começa esse crescimento... na minha cidade especificamente, os americanos só vão chegar, pra viver mesmo, a partir de 1964, mas eles já eram presenças na região, e, enquanto Jaguaquara era uma cidade que tinha a presença dos americanos da Igreja Batista, na minha cidade vão chegar os americanos da Igreja Adventista do 7 dia, em 1964, a chegada deles pra lá, foi extremamente importante, porque começou uma espécie de um renascimento, apesar de que existe um preconceito contra os protestantes, não se sabe dicotomizar, diferenciar a diferença entre evangélicos e protestantes, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Os protestantes verdadeiros mesmo, são pessoas muito ligadas a cultura, tá eu posso dizer isso porque eu estudei no Taylor Egídio, uma escola batista, mas que tinha um nível cultural altíssimo, e eles vão trazer tudo isso. Por exemplo, a partir dos anos 60, lá em Itaquara, você vai ter um fluxo de americanos muito grande, porque, com essa família lá, eles começam a fazer esses contatos, então tinha gente fugindo da Guerra do Vietnã dos EUA, que ia lá pra minha cidade e ia ficava lá, tinha *hippies* americanos, e isso estabelece uma conexão direta entre a minha cidade e os EUA. Apesar de eu só ter nascido em 1975, mas na minha infância, ainda havia uma comunicação muito grande entre a minha cidade e os EUA. Tanto que eu achava que a Califórnia, ficava além da montanha, atrás da minha casa, eu achava que a Califórnia, ficava lá...

Então, a partir dos anos 60, se estabelece essa conexão direta entre Itaquara e os EUA. E lembrem, que os anos 60, nos EUA, foram anos muito convulsivos, tá? O *Civil Rights Movement* estava no ápice, o *Movimento Hippie*, foi uma época culturalmente muito convulsiva, e começa esse diálogo direto, e Itaquara começa a receber isso, diretamente, ali fresquinho, com os americanos que iam chegando, de repente você tinha na cidade *hippies* que tinham fugido do Vietnã, *hippies* que estavam viajando... *hippies* americanos...e surge em Itaquara. E como havia muitos *hippies* na cidade, o pessoal começou a abraçar aquilo, é claro o nível da cidade subiu muito... subiu assustadoramente... o nível cultural subiu



muito...aí as pessoas começaram a ouvir a alta música americana, como *Bob Dylan*, essas coisas todas não só dos EUA, mas também da Inglaterra, *Cat Stevens*, e eu me lembro, quando eu tinha, sei lá, uns 2 ou 3 anos de idade, de ver esses *hippies* por lá né, eu achava aquilo bonito, aquelas calças bocas de sino, e Itaquara nessa época tinha um nível cultural altíssimo, inglês era um língua que se falava na cidade com esse pessoal todo que estava de passagem, então, os EUA já era parte da minha própria cultura, eu achava que no Brasil se falava inglês, porque lá era assim... E o que mais? É claro conheci muito de música americana, muito cedo... acho que só com os 7 anos de idade, que eu descobri que no Brasil se falava português. E mais tarde eu vou estudar no Colégio Taylor Egídio, que era a escola americana, a minha professora de inglês era do Texas, e aí pronto, sempre houve esse diálogo da minha cidade com os EUA. Mais tarde quando eu vou para Salvador, foi o maior choque cultural da minha vida, porque eu venho de uma região serrana da Bahia, onde tem muita névoa, pelo menos tinha, antes do aquecimento global, diminui muito, às vezes, isso ainda acontece, mas, naquela época, isso era diário, você acordava ali de madrugada, e era difícil de enxergar a cidade, ela ficava debaixo daquele *fog*... (densa névoa) feito Londres, aquelas ruas com muito frio e com muita serração, aquela neblina pesada mesmo, que descia da serra, e quando eu cheguei em Salvador, foi muito chocante, porque Salvador era uma cidade atlântica, fazia muito calor, era uma cidade com uma cultura completamente diferente do que eu tinha visto na minha vida, e aí e comecei a ter sérios problemas existenciais, foi um choque muito grande pra mim... E basicamente, o meu primeiro livro, *o Senhora e senhores...*, ele vai surgir como uma fagulha elétrica, a partir disso, desse choque, aqueles poemas têm muito a ver com essa transição de Itaquara para Salvador. Então, quando eu cheguei em Salvador, eu não consegui me relacionar muito com as pessoas de lá, achava difícil, muito difícil, e obviamente quem eu fui procurar, pra me relacionar, os americanos... os estrangeiros...com quem eu sempre tive uma facilidade muito grande. Ah, eu esqueci de falar também... que antes de eu ir para Salvador, por volta dos anos 89/90, a Universidade de *Harvard*, nos EUA, começou um projeto de estudos lá na cidade, mais uma vez os americanos... Tá vendo? Eles começaram a pesquisar doenças tropicais, e vinham estudantes de *Harvard* para morar lá na cidade, outra vez, essa conexão de Itaquara com a alta cultura americana. Uma cidade pequena, ali na região serrana da caatinga, do sertão baiano, mas ao mesmo tempo que recebia esses



visitantes ilustres, da Universidade de Harvard, inclusive grandes cientistas, que ficavam lá e eu tive o prazer de e a honra de me tornar amigo. E eu, mais uma vez, adolescente, começou outra conexão com eles, e a gente ficava na sexta-feira, que eles trabalhavam obviamente muito, mas na sexta-feira, ali a tarde...num barzinho que tinha lá, era o único barzinho que tinha, ai já era quase marcado, a gente ia lá tocar violão, tomar cerveja, e tocar *Bob Dylan*, fazer as farras lá do fim de semana. Então, quando eu chego pra Salvador foi um choque, e quem eu fui procurar? Mais uma vez os americanos porque eu não conseguia me relacionar bem com o pessoal lá da cidade... E basicamente foi assim, eu chego em Salvador, tive essa crise, fui procurar os americanos, aí fui fazer Literatura Inglesa na Universidade Federal da Bahia, fui estudar inglês, olha aí... mais uma coisa... e lá, claro o Instituto de Letras da UFBA tinha muita gente de fora... começa uma nova fase...e, de novo, os estrangeiros aparecendo, sempre os americanos, e através de uma professora, eu conheci, o diretor da Associação Cultural Brasil e EUA, que era um centro Binacional, que tinha sido aberto pelos EUA, depois da Segunda Guerra Mundial. Eu conheci o Diretor Acadêmico da ACBEU lá, ele era uma espécie de Cônsul Americano, em Salvador, não era um cônsul oficial, mas ele tinha um papel meio parecido.... Quando tinha algum visitante ilustre do Governo dos EUA, a Embaixada pedia que ele recebesse...lá... ai, eu vou conhecer muita gente...gente Casa Branca, a consulesa dos EUA no RJ, e mais uma vez eu estava imerso nisso aí... eu fiquei amigo dele, mais tarde ele praticamente me adotou, não foi oficialmente, de papel, mas eu considerava ele como meu pai americano e ele, o filho brasileiro dele, e ele me disse isso, e aí pronto, aí já dá pra ver o horizonte né. A mistura de destino e mistério, mais uma vez. E a partir desse universo, eu começo contatos mais fortes com o EUA, tentei fazer mestrado na UFBA, mas fui reprovado, 2 ou 3 vezes mais ou menos, e nessa época eu trouxe os eslovenos, uma delegação de escritores eslovenos foi organizada por mim, através dos escritores da Lituânia, e as coisas começaram a se encaixar... Eu ganhei um prêmio do governo dos EUA, em 2002, pra representar o Brasil nos EUA, um prêmio grande da Embaixada, e aí eu vim pra cá... Tinha que fazer várias palestras nas Universidades, e morei na *Iowa* fiquei no maior programa para escritores da Universidade de *Iowa* no mundo, e de lá pra cá, os EUA começaram a me abraçar mesmo. Eu fiz palestra em várias Universidades, aí as universidades gostaram muito de mim e me convidaram pra voltar pra cá... Então, depois



de 3 meses aqui, eu retorno pro Brasil, mas com convite pra retornar pra cá... e aí eu vi que não ia dar certo, mesmo porque eu continuava morando com a minha irmã, ela praticamente se tornou minha mãe. Minha irmã, eu morei com ela praticamente 10 anos em Salvador, e sem ver prescritivas de mudança, porque eu não conseguia encontrar emprego em Salvador, foi a fase mais difícil da minha vida, eu fiquei anorético em Salvador, cheguei a pesar 50 kg, imagine eu peso 110 kg, é menos da metade da minha massa-corpórea perdida, e então as coisas começaram a ficar muito complicadas... eu não conseguia encontrar emprego, aquela coisa terrível, fazia bicos como guia turístico. Trabalhava aqui e ali, mas sempre sem uma forma, os empregos que eu conseguia geralmente eram empregos internacionais, vinculados aos EUA, mas eram empregos temporários, e eu vi que eu tinha que ir embora, entendeu? Tentei fazer Mestrado na UFBA 3 vezes e fui reprovado, e ao mesmo tempo já tinha convite para retornar aos EUA, com bolsa de mestrado e tudo pago aqui. E foi aí que eu vi que eu tinha que vir embora mesmo, por questão de sobrevivência, por questão de sobrevivência mesmo, eu tinha que ir embora do Brasil. Então eu vim cá...

Pesquisadora: O fato de o senhor viver fora do Brasil, há muitos anos, permite-nos dizer que as suas poesias costumam ser regadas com um forte sentimento de saudades. Por isso encontramos diversos poemas memorialistas sobre a sua infância?

Poeta: Olha, eu tive uma infância muito conturbada, mas ao mesmo tempo com grandes períodos, foi um período mágico da minha vida, e eu sinto muita saudade disso... E a minha infância, vira um traço muito forte, uma das vertentes que eu trabalho... e que também é uma das vertentes da Literatura Brasileira, não é verdade? Vem com Camilo Castelo Branco, "Ai que saudades que eu tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida!". Você vai ter vários que trabalham essa memória. Desde o meu primeiro livro que já existe isso... de uma certa forma... porque eu fui pra Salvador, eu a perdi, eu passei a ser exilado, desde Salvador que eu já estava exilado. E aquele que está no exílio, vai lembrar, daquelas coisas... dessas impressões primeiras da vida. E sem dúvida, esse é um traço muito forte que você vai encontrar...

Pesquisadora: Como conciliar a experiência poética, seu processo criativo e o ato de lecionar enquanto professor universitário?



Poeta: A sala de aula sempre teve uma participação muito importante no que eu escrevo, sobretudo porque os poemas apareciam nas piores horas possíveis. Alguns dos meus melhores poemas eu escrevi justamente durante a prova de matemática, porque eu não sabia nada na prova de matemática, como eu não sabia um nada – gerava um tudo – então, como eu sabia que ia perder naquela prova, eu criava uma angústia profunda, insuportável, então a poesia vinha sempre, os meus melhores poemas, como eu ia fracassar nos números, sabia que ia exceder no poema, então, fatalmente os poemas vinham, geralmente, nos melhores e nos piores momentos. As aulas de matemática sempre me deram os meus melhores poemas, porque eu nunca entendia o que estava acontecendo naquilo...(risos) Eu não conseguia entender aquela ordem dos números todos, aqueles processos de pensamento. Inclusive, tem uma anedota, muito engraçada, que acontecia na minha vida, o meu professor, no Colégio Taylor, o professor Lourival Britto, era professor de matemática e física, e muitas vezes, no meio da aula, aquela coisa super formal, solene, 40 estudantes ali, na 8ª série, todo mundo ali prestando atenção aos logaritmos, geometria, trigonometria, e toda aquela história... e assim, naquela coisa formal, ele parava a aula, olhava pra mim e dizia: “Narlan Matos, tá em devaneios de novo?” (Muitos risos). Eu tinha 15 anos de idade, sabe lá o que é que eu estava fazendo... o que estava se passando? Mas ele sabia! (risos) e isso aconteceu muitas vezes.... (risos) ele parava a aula, olhava pra mim e dizia: “Narlan Matos, tá em devaneios de novo? (muitos risos)”. Diziam que eu falava sozinho... né... às vezes... (risos). Eu acho que eu estava na estratosfera... (risos) e ele parava. Isso não é mentira, você vai ter uma prova... (risos) ele tá vivo ainda... (rindo muito) Aliás, eu tenho até que ligar pra ele pra perguntar o que ele queria dizer com isso... (risos) Eu tinha 15 anos de idade, a turma nem sabia o que era isso... estar em devaneios... (mais risos), mas ninguém dizia nada não, o pessoal me olhava assim, *puft!* Daí eu acho que eu descia... (risos) da estratosfera... (risos) e ele continua com a aula, mas era a sala de aula...então eu pensei em ser professor de literatura porque pra mim tinha a ver uma coisa com a outra. [Pausa] Inclusive, voltando a uma das suas perguntas – sobre como me tornei poeta – eu esqueci uma coisa importantíssima que aconteceu comigo lá no Colégio Taylor Egídio, quando eu falei lá que a professora *Stella Dubois* leu a minha redação, no salão nobre, na sexta-feira de manhã, essa parte aqui é para ser um adendo daquela outra... então, depois que a professora leu a minha redação eu me



tornei uma espécie de celebridade na escola, né? Era uma escola grande, me tornei uma celebridade... então as meninas viviam me pedindo poemas, essa coisa toda, o pessoal levou a sério mesmo, parece coisa de filme, toda hora era gente me pedindo poema... e tudo eu me tornei uma espécie de celebridade... um poeta! [Yannik acordou... Ele chama: Papai! E Narlan pede a ele um minutinho, explica que está dando uma entrevista, perai.. perai!...] Aí, tinha um colega meu, italiano, e ele era um cara alto, boa pinta, né, a mulherada adorava ele... e tinha uma garota que ele tava querendo impressionar... e não tava dando jeito mesmo... (risos) aí ele veio falar comigo: “seu poeta, rapaz é o seguinte: tem uma menina aí, que eu tô querendo namorar, mas não tá dando de jeito nenhum... nunca vi uma mulher tão difícil como aquela... dá pra você fazer um poema aí pra ajudar?! (rindo)”. E eu falei “Tá! Ai... ai...”, no intervalo a gente foi... fiquei por ali olhando... fui conhecer o objeto de inspiração... (risos) tudo certinho, né... aí eu fiz o poema... e aí dei pra ele... quando foi na semana que vem, ele chegou e falou: “você é o maior poema do mundo!” (rindo muito) “Deu certo! A menina se apaixonou...” e sei lá mais o que... (risos) e eu: “Beleza!” E aí, depois de um tempo, ele voltou pra mim e falou: “rapaz, a menina tá querendo outro poema... (risos) dá pra você fazer aí?” E eu falei: “Certo! Tudo bem!” Aí fiz outro... e nisso meus poemas tavam ficando conhecidos na escola né... estavam circulando já nas salas de aula... professores até usavam e tudo... e o que foi que aconteceu... ela tomou conhecimento de outros poemas, comparou com aquele poema que o italiano tinha dado pra ela, e percebeu que aquilo não tinha sido escrito por ele... porque ele colocou o nome dele no poema...veja só... (muitos risos) roubo de propriedade intelectual... ele colocou o nome dele... (risos) como sendo poeta... ela pegou aquilo, começou a comparar o estilo... e ela veio: “Foi você que escreveu aquilo, não foi?” E eu respondi: “escrevi o que? Ah! Aquele poema...- Não, não, foi ele que escreveu aquele!” - “Não, foi você sim!” E o que foi que aconteceu? Ela aí se apaixonou por mim... (risos) Ela aí se apaixonou por mim... (risos) E veja só que típica situação Shakespeariana eu me meti... Ele apaixonado por ela, e ela apaixonada por mim... e eu apaixonado por outra garota... que não entrava nesta história... (risos) E aí eu fiquei morto de medo dela contar a ele que tinha descoberto que o poema era meu! E medo da reação dele se descobrisse... oh, céus! Foi aí, logo cedo, com 15 anos que eu conheci o perigo da poesia ... (risos). Isso foi uma situação típica de uma peça de *Shakespeare* que aconteceu comigo! Era perigoso você ser poeta... (rindo



muito) O cara poderia me pegar por causa de uma poesia... (risos) e eu que não tinha nada a ver com a história... não tinha nada a ver com aquilo... e aí pronto, esse foi mais um momento grande que pavimentou o meu caminho para virar poeta mesmo... (risos). Desde cedo, os meus poemas eram bem aceitos, tá? Na escola, eu virei uma celebridade... lá no colégio e as outras escolas da cidade falavam de mim... Tinha colegas também que não gostavam, talvez por inveja... tinha um que espalhou pra escola toda que meus poemas eram cópias de poemas de poetas famosos europeus, que ninguém conhecia! (risos) Que eu era um plagiador profissional... e ele passava tempo procurando minhas fontes originais! Imagina... Outro dizia que meus poemas eram tão longos que quando ele chegava ao final, nem lembrava mais do que tratava o poema! (risos) Mas eu passava pela rua e as pessoas falavam: “Ah! Você que é o poeta!”. Então isso tudo sempre aconteceu na minha carreira, desde os primeiros poemas, eu conheci a fama (risos). Eu conheci a fama já nos primeiros poemas (risos) e também o perigo daquilo, né? (risos). Mas coloca isso aí na minha estreia... como eu me tornei poeta... (risos) porque foi aí que tudo começou... que me tornei poeta... pois a partir daí o caminho se abriu mesmo.

Pesquisadora: A opção pela publicação de um livro em terras estrangeiras, costuma ter quais motivações? Surgem convites para saraus? As embaixadas brasileiras promovem o seu trabalho e depois ele é solicitado em forma de livro? Como surge essa vontade de expansão territorial?

Poeta: As motivações, como já expliquei anteriormente, vão surgindo... essa reação química entre a minha obra e o povo surgiu desde os primeiros poemas, como eu acabei de falar agora... essa reação química surgiu desde os primeiros poemas, com 15 anos, eu já era uma celebridade na escola onde eu estudava, tá? era uma celebridade mesmo... os professores falavam de mim... eu escrevia poemas pras meninas... pros colegas... e outras escolas também começaram a falar de mim... e isso numa cidade razoavelmente grande de umas 50 mil pessoas e eu virei uma lenda... já com 15 anos de idade... (rindo muito) e eu fiquei todo me “achando”, né... (risos) com um monte de meninas lindas por perto... mas eu era tímido demais... minha timidez era difícil de ser vencida... muito... Era uma timidez muito grande. Eu era introspectivo sempre, não tive namoradas, praticamente quase que não... mas a primeira musa foi lá no Colégio Taylor Egídio, é uma menina descendente de alemães, foi a primeira musa, inclusive ela foi uma grande leitora dos meus poemas, já



com 15 anos de idade, e ela achava que eu ia me tornar um grande poeta, e ela dizia isso... mas essa relação do público com a minha obra, sempre existiu, então mais tarde isso foi se amplificando... O meu texto sempre falou muito com as pessoas... e depois eu descobri que falava também com os estrangeiros... e a partir daí começou essa atração natural, sempre a obra na frente... sempre os poemas foram abrindo os caminhos de muitas maneiras... sempre a obra na frente...

Pesquisadora: O tema da alteridade é um dos aspectos sociais que lhe aflige? A sua composição é de alguém que vê o mundo e se preocupa com as pessoas que nele vivem?

Poeta: Isso que você está vendo é uma pintura, minha esposa é pintora também... e eu pedi que ela pintasse isso pra mim... tá vendo? Essa é uma introdução para a questão sobre a alteridade, está vendo? Essa aqui é a “Baleia” de Graciliano Ramos, essa cadelinha (magérrimo) foi inspirada nela, essa aqui é a minha sala de jantar, tem tudo de comer... o mandacaru... esse aqui é o sertão de onde eu venho... olha... [mostrando a pintura] a casa carcumida pelo tempo... tá vendo... olha aqui os tijolos já carcumidos pelo tempo... olha a cerca magra... A cerca passa fome no sertão... olha aí... essa imagem já começa a te dar uma ideia. É uma resposta pra sua pergunta... essa preocupação... Eu cresci num ambiente como esse aí, embora essa aí seja uma fazenda lá perto de Itaquara, mas eu cresci nessas terras aí... não é... E muitos dos meus amigos de infância passavam fome, a minha família era classe média baixa nessa época, mas os meus pais, tinham carro, essa coisa toda, mas a comida era regrada, a gente não passava fome, mas a comida era regrada... acho que eu já falei isso pra vocês, a questão da fraternidade dos meus pais, eles criaram mais de 40 crianças, desde cedo esse tema social foi parte da minha vida, não só de uma maneira teórica, mas de uma maneira muito prática, porque os meus pais levavam isso muito a sério, então isso desde cedo, eu via meus colegas de infância, comendo lagartos, pra sobreviver, eu vi muita gente passando fome, fome mesmo, passando fome, fome... pessoas que chegavam lá na casa de meus pais, que não conseguiam nem andar direito, de fome, e a casa deles estava sempre aberta pra isso, então, essa gestão do povo... essa gestão do social sempre foi uma parte muito grande na minha vida... porque eu cresci junto com isso... eu nunca passei fome. Para os padrões lá da minha cidade, eu era considerado rico, mas era rico numa cidade paupérrima... então eu não era rico... quer dizer... para os padrões lá da minha cidade, eu era rico, mas numa cidade paupérrima, entendeu? Tem



que se tomar as devidas medidas disso aí... Então eu olhava pra aquilo, pra questão e isso aos poucos, com a maturidade foi entrando na poesia, essa preocupação com as pessoas, com o mundo, com a vida... entendeu? É daí que surge esse Humanismo... Tem muitos críticos na Europa, na Dinamarca, que já apontaram isso, essa questão do Humanismo... A orelha do meu 4º livro, o *Alaúde*, é de um Professor da Universidade de Copenhague...ele vai falar sobre isso...por sinal o artigo dele é grande (nem foi publicado todo). Isso já é visto na Itália também... por esses grandes críticos...Mas tá aí... [continua mostrando a imagem de uma casa branca muito pobre do sertão] Olha aí... o maior orgulho da minha vida foi ter vindo daí... eu já rodei o mundo quase todo... Cingapura, Japão, Lituânia... eu fiz as minhas escolhas, então, o meu orgulho maior é isso aí...eu tive muitas chances de me tornar universal... mas acontece que eu sou provinciano... Olha aí...o maior orgulho da minha vida é pertencer a esse povo forte, bravo, como disse Euclides Da Cunha. Esse é o meu marco zero Oswaldiano, o começo... foi daí que o trem partiu me levando para o mundo...

